

## Homenagem

### Homenagem póstuma à Ana Tereza Landolfi Toledo

Conheci a Tetê em setembro de 2014. A imagem da garota alegre, de olhos brilhantes, e cheia de vitalidade, carregando nos braços uma pilha de livros gravou-se em minha memória com tanta força que é assim que eu sempre me lembro dela, apesar dos sete anos que partilhamos depois desse encontro. Ela acabava de chegar de Pitangui, onde ministrava aulas de história no ensino fundamental. Empolgada com o plano de cursar mestrado na UFMG, vinha me falar do seu projeto de pesquisa, um desdobramento do *master* que havia defendido em 2012 na Universidade de Salamanca, sob a orientação do competente José Manuel Santos. Expliquei-lhe, na ocasião, que não via necessidade de um novo mestrado, mas ela argumentou que pretendia aprofundar o seu objeto de pesquisa, consultar novas fontes, refinar a fundamentação teórica, testar novas hipóteses... Esse perfeccionismo, como eu viria a descobrir depois, era um dos traços da sua personalidade, o alto grau de exigência que se impunha como pesquisadora e historiadora.

Em Salamanca, ela havia estudado a participação das elites mineiras no processo de independência, um tema especialmente difícil em razão da quase inexistência de pesquisas nessa área. Ao contrário do século XVIII, um campo bastante consolidado, com uma produção acadêmica vasta e expressiva, as primeiras duas décadas do século XIX permaneciam relegadas a um relativo esquecimento por parte dos estudiosos da história política. Tetê não se intimidou com as dificuldades, e, ao longo de dois anos, deslindou os projetos políticos concebidos pelas elites mineiras às vésperas da Independência, combinando as novas abordagens teóricas sobre o processo de emancipação política com os estudos então recentes sobre a persistência do Antigo Regime no século XIX.

Para o mestrado na UFMG, ela planejava elucidar o papel central do então governador da capitania, D. Manoel de Portugal e Castro na articulação desses projetos, e também na condução do

debate sobre o posicionamento político da capitania de Minas Gerais. Interessava-lhe examinar o jogo das disputas, alianças e negociações entre os grupos políticos às voltas com um contexto político de grandes mudanças. Este era, aliás, o eixo central do projeto: como os homens reagiam à novidade de uma época que subvertia os valores do passado, que jogava por terra o mundo em que eles haviam se formado, para dar lugar a uma nova ordem, criando um novo tempo... Essas décadas tumultuadas e vertiginosas, entre o final do século XVIII e início do XIX, funcionavam como um laboratório em que se podia assistir à destruição da velha ordem e ao advento das sociedades liberais — e a trajetória do governador da capitania de Minas Gerais proporcionaria o fio condutor para se examinar essas questões a partir de um contexto muito específico. Em vez de uma biografia, a proposta de Ana Tereza buscava entender uma época e seus dilemas a partir do olhar e da ação de um homem — empreendimento metodológico tão sofisticado quanto desafiador.

Enquanto me falava sobre todas essas coisas, os olhos de Tetê brilhavam! Sentada diante de mim, gesticulava, argumentava, sorria... De pronto, aceitei orientar o projeto e tornamo-nos parceiras acadêmicas desde então. Fiz uma série de sugestões, e, nos meses seguintes, ela se empenhou em ajustar o projeto de pesquisa, lapidando-o incansavelmente para submetê-lo ao processo de seleção do programa de pós-graduação. Hoje, observando a sua trajetória acadêmica nos últimos sete anos, percebo claramente que ali já estavam os brilhantes *insights*, as escolhas teóricas acertadas, a abordagem arguta...

Ela ingressou no mestrado em 2015 e a nossa parceria extravasou os estreitos muros da Universidade. Ficamos amigas — grandes amigas que passavam horas ao telefone proseando sobre as coisas da vida, desde a última série da Netflix até o conceito de Antigo Regime em Tocqueville. Ainda hoje posso ouvir a sua risada gostosa, os latidos da Lola, sua cachorra, e sentir a satisfação verdadeira que essas longas conversas nos proporcionavam. Estar com ela era ver o mundo com os seus olhos, partilhar da sua força interior, do seu humor fino e inteligente. E como eu apreciava a sua companhia! Quando chegava na Fafich, ia encontrá-la em meu gabinete, onde passava os dias estudando, ou na cantina, onde tomávamos um café rápido. Nas disciplinas, a sua presença conferia um ritmo dinâmico às aulas: gostava de comentar os textos, debater com os colegas, expor as

próprias ideias. Dava gosto ver a paixão que nutria por esses momentos privilegiados da vida acadêmica.

No final de 2015, ela passou mal em sala de aula e veio então a notícia ruim. Ali começaria o doloroso processo de internações, cirurgias, procedimentos médicos, sessões de quimioterapia e imunoterapia, que se arrastaria por longos seis anos. A partir daí, a doença se instalaria entre nós como uma sombra sinistra e inquietante, e, como para afugentar essa ameaça, nossos vínculos se estreitaram ainda mais. Conversamos tantas e tantas vezes sobre o seu estado de saúde, e jamais ouvi dela uma palavra de revolta contra a peça que o destino lhe havia pregado tão cruelmente. Desde o início, Tetê optou pela vida, como se fizesse um pacto consigo mesma para jamais esmorecer, por mais dura que fosse a luta. E, mesmo quando tudo parecia irremediavelmente perdido, continuou apostando na vida.

Tetê compartilhou comigo todos os seus medos e angústias: falou-me da forma desumana com que alguns a acusaram de “explorar” a doença; a insensibilidade de outros que negavam a gravidade de sua condição ... Muitos, porém, estenderam-lhe a mão e a acolheram amorosamente. E assim se mantiveram, amigos e solidários, até o final, como o Henrique Sobral e a Júlia Cassão, que me ensinaram, em meio a tanta dor e sofrimento, o significado da expressão “ninguém solta a mão de ninguém”.

Eu sabia que Tetê travava uma luta pela vida — a mais difícil de todas as lutas, a que nos obriga a relativizar o nosso mundo e as nossas prioridades, que vira tudo de ponta cabeça. Mas ela simplesmente se recusou a aceitar que fosse assim, por mais que eu tentasse convencê-la de que deveria dar um tempo na pós-graduação para se dedicar integralmente à própria saúde. Afinal, uma dissertação de mestrado nada mais é que apenas uma dissertação de mestrado. Argumentava que a doença não passava de um obstáculo momentâneo em sua jornada, e que todas as suas energias deveriam se concentrar em superá-lo. Demorou para que eu entendesse que, ao se agarrar com tanta força ao mestrado, ela se recusava a abrir mão da própria individualidade, como uma forma de resistência a esse poder avassalador e brutal que nos converte em corpos doentes e nos aprisiona na condição de paciente. E foi assim que ela atravessou esses anos duros e sofridos: jamais aceitou

abdicar de si mesma, negando-se a encarnar o papel da “vítima” impotente. Continuou a ser a mesma Tetê alegre, cheia de vida que conheci naquela tarde quente em meu gabinete. Porque nada poderia abater a sua imensa vontade de viver, a sua força interior, a sua paixão pelo estudo... Mesmo padecendo os efeitos colaterais dos tratamentos médicos, continuava a me falar sobre o papel de D. Manoel no processo de emancipação em Minas Gerais, a discutir os últimos livros publicados sobre o iminente bicentenário de 1822, ou a planejar os capítulos da dissertação. Lembro-me de que, depois de lhe sugerir a consulta da correspondência assinada pelo governador D. Manuel, ela passou todo um verão no Arquivo Público Mineiro, transcrevendo cuidadosamente fólhos e fólhos de manuscritos! Ou quando lhe recomendava que abordasse, em sua dissertação, um ou outro tópico, eu ia encontrá-la, dias depois, em meu gabinete, cercada por uma pilha de livros sobre o assunto. Orientar a Tetê resumia-se a refrear o seu perfeccionismo extremo, a sua vontade de esgotar todos os aspectos do seu objeto de investigação. “Menos, Tetê, menos!” — quantas vezes eu não lhe disse isso, depois de ver os livros espalhados pela sua mesa de trabalho, presumindo até onde ela pretendia avançar! Quando se debruçava sobre um livro, não se contentava em transcrever apenas as passagens necessárias à sua investigação, e acabava por fichá-lo integralmente, enchendo cadernos e cadernos de anotações manuscritas.

Tetê continuou, ainda que em ritmo mais lento, a avançar com a sua dissertação, qualificando-se com êxito em 2018, diante de uma banca que escolhera a dedo: Luiz Carlos Villalta e Lúcia Bastos. Apesar de tudo, a cada dia, a tão sonhada defesa parecia mais próxima e tangível. Àquela altura, ela já transitava com desenvoltura nos círculos de historiadores especialistas no tema da independência brasileira, estabelecendo com eles uma interlocução que se revelaria decisiva para sedimentar o formato principal da dissertação. Com um gosto pelas questões teóricas, ela encontrou na história conceitual de Koselleck o aporte necessário para formular o problema da experiência e da expectativa, à luz do ocaso do Antigo Regime. Finalmente, a figura de D. Manoel emergia das sombras, sob um robusto aparato documental, duramente arrancado aos arquivos.

Ao mesmo tempo, Tetê mergulhou no burburinho acadêmico da Fafich, e, como boa faficheira, envolveu-se em eventos e em grupos de estudo e pesquisa. Em 2019, ajudou-me a

organizar ao menos duas conferências importantes; além disso, estivemos juntas em congressos fora da UFMG e planejávamos participar de outros. Ela amava frequentar os espaços da Universidade: sentia-se em seu ambiente, integrada ao mundo que tanto admirava, e, sobretudo, conectada com as pessoas.... Porque esse era, sem dúvida, o centro de gravidade de sua existência: uma afeição espontânea pelas pessoas, uma espécie de humanismo muito profundo, que se traduzia tanto em seu posicionamento político, quanto no jeito doce e delicado com que se relacionava com todos. O magnetismo de Tetê consistia nessa capacidade tão rara de se interessar pelo outro, de se importar com o mais banal da existência humana, de nos envolver com a intensidade de seu afeto cálido e gratuito.

Na última vez que nos encontramos, em fevereiro de 2020, mal podíamos imaginar que seria a nossa derradeira despedida. A Tetê, um pouco mais abatida e fragilizada, ainda encontrava forças para ser a amiga divertida e carinhosa de sempre. Quando a pandemia chegou, continuamos a nos falar por telefone, e nada parecia anunciar a proximidade de sua partida. No dia 12 de outubro de 2021, porém, ela nos deixou. E, de repente, o mundo perdeu as suas cores, e uma dor imensa tomou conta de todos que a amamos.

A tristeza, porém, não combinava com a Tetê. Os versos de Cartola de que tanto gostava — “A sorrir, eu pretendo levar a vida” — expressam bem o seu amor incondicional pela vida, a intensidade com que viveu cada minuto — fosse nas festas do Ephis, nos carnavais de rua, fosse no silêncio dos arquivos e bibliotecas. É assim que ela ficará em minha memória: a menina movida pela paixão que, numa tarde quente de setembro, veio iluminar a minha vida com a dádiva de sua amizade verdadeira. Tetê, sempre presente!

*Adriana Romeiro*